

Julia Pardoe, uma inglesa no Mosteiro da Batalha em 1827

Pedro Redol*

No número anterior, apresentámos um comentário ao relato que Julia Pardoe dedicou ao Mosteiro da Batalha na sua obra *Traits and Traditions of Portugal*, publicada em Londres, em 1833. Segue-se a tradução anotada desse texto.

As quebras de página são assinaladas entre parênteses rectos. Mantivemos os nomes próprios escritos em itálico mas traduzimos todos os restantes. Sempre que possível, respeitou-se também o uso de maiúsculas e minúsculas, mesmo quando não uniformizado como, por exemplo, na palavra “monastery”.

Uma Estralagem¹ [sic] e um Mosteiro

A nossa próxima paragem foi em *Vendos de los Carvalhos*² [sic], uma pobre aldeia com meia dúzia de casas espalhadas pelo pinhal, numa disposição tão pouco sociável que de uma só não se avistam outras duas. Como a distância entre *Rio Mayor* e *Leiria* é excessiva para as tropas a percorrerem num único dia, o governo construiu uma espécie de barracão junto à *calçada*³

* Técnico superior do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

¹ Leia-se estalagem, traduzido em nota por *wine-house*.

² A Venda dos Carvalhos corresponde actualmente ao Casal Boieiro, no concelho de Porto de Mós; cf. Armindo Vieira, *Pedreiras – A sua História e Outras Histórias*, Pedreiras (Porto de Mós), 2014, p. 31.

³ A *calçada* era a Estrada Real de Lisboa a Coimbra, cuja construção foi decretada por D. Maria I, em 1791, e efectivada ao longo de vários anos subsequentes. Veja-se Ricardo Charters d’Azevedo, *A Estrada de Rio Maior a Leiria em 1791*, Leiria, Textiverso, 2011.

que consiste numa galeria comprida de pedra para onde dão pequenos quartos quadrados. [p. 239] Cada um tinha uma cama de madeira com uma enxada de palha, uma mesa e uma cadeira, apresentando-se à minha imaginação como uma cela de prisão. Por trás do edifício, que é a coisa mais triste que se possa conceber, há um *pateo* rodeado de estábulos⁴. Os quartos de que falei destinam-se aos oficiais. O terreno foi limpo ao lado do barracão para o acampamento dos homens. Foi a primeira vez que vi um acampamento militar e, como a noite estava esplêndida, impressionou-me muito. Acenderam-se fogueiras em buracos escavados ao abrigo das rochas. À volta, acooravam-se os soldados, embrulhados nas suas grandes capas escuras, enquanto as mulheres andavam para trás e para a frente diante do lume, nos seus numerosos afazeres. E sobre todos se estendia um límpido céu azul, brilhante de dez mil estrelas.

A propósito dos *Carvalhos*, vou [p. 240] relatar um episódio em que, apesar de não ter estado pessoalmente implicada, me interessei bastante devido às circunstâncias. Enquanto morámos em Leiria, depois de regressarmos de Coimbra, os caixeiros dos vários regimentos aboletados naquela cidade iam a Lisboa buscar dinheiro para pagar às respetivas tropas. Tendo-o obtido, paravam para pernoitar nos *Carvalhos* e, como não levavam provisões, tomavam os seus aposentos na *Estralagem* em vez de ocuparem os pouco agradáveis quartos do barracão⁵.

O estalajadeiro era um tipo jovial, corpulento e de olho vivo que parecia não ter outro objectivo ou ambição na vida além de proporcionar comodidade aos seus hóspedes. Com a ajuda da sua activa esposa, em pouco tempo fumegava uma boa ceia diante dos viajantes esfaimados.

Foram colocadas sentinelas em torno da *Estralagem* e *Messieurs les Payeurs*⁶, depois de terem passado um serão tão agradável quanto o permitiam umas pantufas e um vinho tolerável, retiraram-se para descansar. [p. 241]

⁴ A descrição corresponde à planta e ao regulamento da estalagem dos Carvalhos, construída em 1798, publicados por Godofredo Ferreira, *A Mala-Posta em Portugal. Algumas Notas para a sua História*, Lisboa, Publicidade e Propaganda dos CTT, 1946.

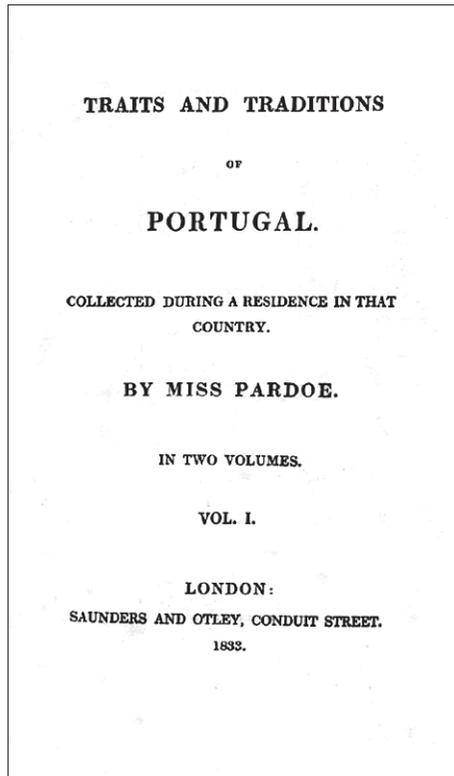
⁵ Esta informação é aparentemente contraditória, pois, de acordo com a nota anterior, o "barracão e a "estalagem" haviam de ser uma e a mesma coisa. No entanto, Armindo Vieira, *Pedreiras – A sua História e Outras Histórias*, p. 31, refere outras estalagens que existiram nas imediações das Pedreiras, nomeadamente em Casal Boieiro, antiga Venda dos Carvalhos.

⁶ Em francês, com o significado de "os Senhores Caixeiros".

Cerca de uma hora após a meia-noite, uma das sentinelas deu o alarme. Tinha ouvido um apito estridente e prolongado perto do seu posto, que obtivera resposta da mata. Seguiu-se-lhes um terceiro e um quarto – em suma, ela já não sabia quantos –, até que os sons destes sinais nocturnos se esvaíram na distância. Mas isto não era tudo: tinha visto figuras pardas em movimento entre as árvores na proximidade da *Estralagem* e divisado claramente um tipo alto, bem enrolado na sua *capa*, esgueirando-se em direcção à estrada de Leiria. Convenhamos que estas circunstâncias não eram nada propícias a homens que tinham em sua posse uma considerável maquia e estavam

mal guardados. Não havia tempo a perder e, por isso, foram acordar o estalajadeiro. Pouco tardou em aparecer, pois a *toilette* dos camponeses portugueses, ao deixarem os seus leitos, não é um processo elaborado. Na verdade, deitam-se tal como se apresentaram no dia anterior, sem [p. 242] tirar nem pôr qualquer peça de indumentária, tendo apenas que se sacudir e bocejar uma ou outra vez, com o que ficam prontos para as obrigações do dia seguinte.

Tal era o caso do corpulento *Estalajadeiro*⁷ que, de *barrete* na mão, se postou diante dos viajantes, cinco minutos depois de o terem chamado. Receberam-no de modo bem pouco cortês, prodigalizando-lhe todos e mais alguns epítetos do seu elegante português, insistindo que ele tinha de saber como dar solução ao problema que se apresentava, em relação ao qual se consideravam claramente visados. O estalajadeiro permaneceu impassível, torcendo calmamente o *barrete* e olhando para um e outro, enquanto se lhe



⁷ Traduzido em nota por *innkeeper*.

dirigiam à vez. Porém, quando, cedendo à indignação, acabaram por lhe jurar vingança caso não esclarecesse imediatamente os sinais suspeitos asseverados pelas sentinelas, aflorou nos seus lábios um sorriso que era mais de pena que de escárnio. Só [p. 243] quando declararam que partiriam imediatamente e prosseguiriam a sua jornada, o até então imperturbável Estalajadeiro condescendeu em entrar na conversa. Mesmo aí disse pouco, mas esse pouco foi suficiente para transformar o protesto veemente dos viajantes no susurro de uma tempestade apaziguada e para determinar que ficassem onde estavam, em todo o caso, até ao amanhecer.

“*Peza-me, Senhores*”⁸, disse calmamente, quando pronunciavam a intenção de partir, “que tenham chegado a essa resolução, mas são viajantes livres e não posso trancá-los; *guardai-vos*,⁹ porém, pois sabeis bem que os *salteadors* andam lá fora na mata. Dizem que são muitos e atrevidos mas sabereis melhor até que ponto podereis fazer-lhes frente. Enquanto estiverdes cá dentro, responderei por vossos bens e vidas com os meus próprios. Agora, se sairdes antes do amanhecer, juro por *Nossa Senhora* [p. 244] *da roca*¹⁰ que não lhes garanto nem mais uma hora de existência. *Estou esperando pelas ordens de vosse Senhores*”¹¹.

Havia uma serena gravidade no homem que convenceu logo os viajantes da sua perfeita sinceridade. Reuniram conselho à pressa, que acabou na resolução de permanecerem onde estavam, pelo menos até que o dia tivesse rompido, anunciando a sua determinação ao proprietário.

“*Alumia aos Senhores*”¹² foi a sua única resposta ao voltar-se para um rapaz que o acompanhara aos aposentos e, com uma ligeira vénia, preparou-se para sair.

“Deixe a luz ficar aqui”, disse um dos do grupo, tirando a pesada lanterna de latão ao rapaz e colocando-a em cima de uma mesa, “vamos estar alerta durante o resto da noite.”

⁸ Traduzido em nota por *I am sorry, Gentlemen*.

⁹ Traduzido em nota por *have a care*.

¹⁰ Traduzido em nota por *Our Lady of the rock*. Trata-se da devoção, então recente, a uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, cuja descoberta na colina do Castelo de Jorge, em Lisboa, foi descrita por William Morgan Kinsey, op. cit., p. 119-121, como uma encenação da Igreja destinada a contrariar, junto das camadas populares, qualquer assomo de restabelecimento do regime constitucional.

¹¹ Traduzido em nota por *Gentlemen, I wait for your commands*.

¹² Traduzido em nota por *light the gentlemen*.

“*Pois, está feito*”, respondeu o estalajadeiro inalterado. “Vou-lhes mandar algum vinho. Uma boa madrugada para os Senhores” e desapareceu. [p. 245]

O tempo passou bem devagar para os sonolentos e ansiosos viajantes, mas não houve mais alarme e, após um pequeno almoço antecipado, *Messieurs les Payeurs* deixaram *Vendos dos Carvalhos* e chegaram a Leiria sem mais aventuras. Ainda bem para eles que atenderam ao aviso do corpulento *Estalajadeiro*, uma vez que parecia ser ele o Chefe do Bando, falando, por isso, com a máxima autoridade. Era, sem dúvida, um traço de carácter singular que, sendo ladrão como era, este homem respeitasse as vidas e os pertences dos hóspedes enquanto estivessem debaixo do seu tecto, não fazendo, porém, qualquer esforço para os preservar, tivessem eles passado o limiar da porta. Precisamente o que se esperaria de um árabe.

Ouvimos várias anedotas deste homem que me aguçaram a curiosidade de o ver e no regresso de Coimbra a mesma foi satisfeita. Embora a sua ligação com os banditti¹³ organizados que infestam a *Calçada*, ou melhor, os bosques que a ladeiam, de Lisboa ao Porto [p. 246], fosse conhecida, tanto como o seu nome de *Estalajadeiro*, as autoridades não ousavam incomodá-lo e estavam bem cientes desta realidade. Na verdade, o facto de tolerarem um indivíduo ainda é de somenos, se nos recordarmos de que há cidades e aldeias quase totalmente povoadas pelas famílias destes ilustres guardas da floresta, que se deixa que permaneçam como quartéis das tropas, sem as sujeitarem a qualquer tipo de *surveillance*¹⁴ ou interferência pela parte da polícia ou dos magistrados.

A propósito de *Ladrones*¹⁵, posso dizer também que se os viajantes sem guarda quiserem prosseguir a sua jornada sem se encontrarem com uns quantos destes homens livres dos bosques devem obter as *çejas*¹⁶ ou mulas junto de determinados indivíduos em Lisboa ou nas vilas ao longo da estrada. Quando o condutor da carruagem ou o [p. 247] *coreiro*¹⁷ que conduz a segunda mula estão invariavelmente em comunicação com o bando, senão forem mesmo membros dele, os espias que andam em emboscada pela beira da estrada conhecem o sinal do camarada e não saem dos seus coios. Enquanto o viajante continuar a cargo deste homem, estará tão seguro como se se

¹³ Em italiano, com o significado de “bandidos”.

¹⁴ Em francês, com o significado de “vigilância”.

¹⁵ Traduzido em nota por *thieves*.

¹⁶ Leia-se *seges*, traduzido em nota por *post-chaises*. Uma *sege* era uma carruagem.

¹⁷ Leia-se correio, traduzido em nota por *courier*.

encontrasse no meio deles, ilustrando assim praticamente o velho adágio da “honra entre ladrões”, a menos que seja odiado por algum dos do bando.

Sei de um caso em que um amigo nosso, que há muito residia no país, tendo-se casado com uma senhora portuguesa¹⁸, ia do Porto para Leiria e parou de repente a mula que montava para apontar ao *coreiro* o corpo de um homem que jazia na beira da estrada com a cabeça praticamente decepada.

“*Vã-se, vossa merce*”¹⁹, disse o homem calmamente, “avance que eu já o apanho daqui a cinco minutos.” [p. 248]

O viajante fez como lhe foi dito e, dentro do tempo estabelecido, foi alcançado pelo *coreiro* que estava a cantar o hino constitucional de D. Pedro a plenos pulmões, ao som dos cascos da mula na calçada irregular. “Fizeram um trabalho sujo, *los marotos!*”²⁰, afirmou, assim que parou ao lado do Sr. ..., e começou a ajustar a faixa vermelha que se deslocara com os movimentos. “Deixarem ali a *àsneira*”²¹ estendida para eu a tirar! Se o tivessem empurrado para a valeta como eu fiz, os lobos davam conta dele num instante – ainda está quente, o *cara de mono*”²², mas morto que chegue”.

É claro que comentar um tal estado de coisas seria demais!

O mesmo cavalheiro recebeu uma carta em Leiria, que ele bem sabia ser de um dos chefes do bando, informando-o que os *Ladrones* estavam cientes de que ia empreender uma viagem ao [p. 249] Porto, onde havia de receber uma grande maquia. Estava, portanto, em boas condições de lhes emprestar dez *moidores*²³, de que estavam muito precisados por terem tido uma época deveras pouco proveitosa. A carta indicava o sítio onde havia de deixar o dinheiro, guardado por um vigia que o protegeria, e garantia que lho haviam de devolver num dado dia. Porém, se não correspondesse ao seu pedido, o melhor que tinha a fazer era não se aventurar a viajar naquela ou em qualquer outra estrada enquanto houvesse um olho vivo e uma navalha afiada nas matas! O que fazer? A mulher do Sr. ... possuía importantes propriedades, Portugal era o seu país de adopção e, além do mais, sabia bem

¹⁸ Trata-se certamente de William Young.

¹⁹ Traduzido em nota por *go on*.

²⁰ Traduzido em nota por *the rascals*.

²¹ Traduzido em nota por *thick-skull*.

²² Traduzido em nota por *ape's-face*.

²³ *Moidores* é uma corruptela inglesa de “moedas de ouro” e corresponde a um tipo de moeda portuguesa cunhada já no reinado de D. Pedro II, que circulava livremente em Inglaterra a par de outras moedas de ouro como os guinéus.

que os *Ladrones* podiam não se gabar de outra virtude, mas eram bem conhecidos por nunca gorarem as suas promessas. Foi ao Porto e assim que chegou ao sítio indicado pelo correspondente, desmontou calmamente e depositou os seus dez [p. 250] *moidores* tal como lhe tinha sido indicado. Escusado será dizer que não alimentava a menor esperança de os reaver.

O *coreiro* fitou-o mas não afectou qualquer surpresa em relação ao procedimento, antes pelo contrário, pois resmungou para si próprio o velho provérbio *a bom entendedor poucas palavras*²⁴, e continuou a conversa sobre o incidente acabado de relatar.

Chegou o dia em que os *Ladrones* tinham prometido devolver o dinheiro mas o Sr. ... tinha tão pouca fé na promessa que nem se lembrou mais do caso. Ao anoitecer, um dos seus criados informou-o de que um muleteiro queria falar ao Senhor; mandou-o subir, entrando o mesmo nos aposentos tão despreocupadamente como se fosse o padre da paróquia. O Sr. ... olhou para ele e, apercebendo-se de que era um estranho, perguntou-lhe qual era o assunto.

"*He isso*"²⁵, disse ele respeitosamente enquanto [p. 251] contava dez *moidores* em cima da mesa, "este foi o dia combinado e venho devolver com gratidão aquilo que tão confiadamente foi emprestado. Se alguma vez o *Senhor* estiver em necessidades, deixe uma carta onde colocou o dinheiro no outro dia e nós ajudá-lo-emos se pudermos. *Faça-me a honra de me pôr aos pés da Senhora*"²⁶. E tendo dito isto, puxou o *chapéu* para a testa e largou a escada abaixo.

Escusado será dizer que o Sr. ... nunca aproveitou esta extraordinária oferta de serviços, mas os *Ladrones* não eram, de modo algum, tão escrupulosos, pois, em várias ocasiões, pediram-lhe apoio, sem nunca quebrarem a boa fé.

Nas prisões portuguesas não há aprovisionamento para fazer face às necessidades dos prisioneiros. Espera-se que estes se abastecem de alimentos e de roupa, sendo óbvias as consequências desta disposição: enquanto têm dinheiro, é-lhes permitido incorrerem em todos os excessos; quando se esgota, separam-se, um a um, de toda e qualquer [p. 252] peça de roupa, até se transformarem num monte de farrapos e sujidade. Neste estádio derradeiro de infelicidade e degradação, subsistem da caridade ocasional

²⁴ Traduzido em nota por *a word to the wise is enough*.

²⁵ Traduzido em nota por *it is this*.

²⁶ Traduzido em nota por *do me the honor to throw me at the feet of your lady*.

daqueles que calha passarem pela cadeia²⁷. Neste sentido todas as prisões portuguesas estão instaladas em vias principais das cidades e vilas, frequentemente, de facto, nas praças. Se esta fonte de subsistência falhar e se o infeliz cativo não for suficientemente popular entre os camaradas de presídio para ganhar a sua simpatia – *ele que morra!* Nem sequer acho que este desfecho seja pouco comum.

Assim que deixámos os Carvalhos, desviei-me da estrada com dois dos nossos para visitar o célebre mosteiro da Batalha. Como o meu cavalo se cansara bastante desde que saímos de Lisboa, montei uma jovem mula que nunca carregara outra coisa na sua vida que não fosse um alforge. Era um belo animal, alto e de membros lustrosos, com uma pelagem preta, brilhante como cetim, e olho de falcão. Alguns dos presentes pronunciaram prognósticos terríveis em relação à [p. 253] viagem desse dia, mas eu não podia consentir que a minha perspectiva de visitar a Batalha dependesse do bom comportamento de uma mula e, portanto, não fiz caso dos mesmos. Penetrámos nas matas e o pobre animal, não podendo compreender o mistério do seu fardo unilateral, apresentou-me a todas as árvores do percurso de forma não muito agradável. Rapidamente nos apercebemos de que não éramos os únicos viajantes entre os pinheiros, porque, a espaços, víamos homens com roupa de muleteiros, armados com espingardas e acorados sob as árvores, fitando-nos de forma estranha. Foi extremamente desagradável, pois, à excepção das espadas, os cavalheiros estavam completamente indefesos, tendo-se esquecido de colocar as suas pistolas nos coldres. Não havia nada a fazer a não ser galopar, e assim partimos em debandada! Devido ao comprimento dos seus membros e ao meu peso reduzido, a mula avançou consideravelmente, mas em breve descobri que estava totalmente fora de controlo, pois, quando tentava pará-la, ela atirava com o focinho para [p. 254] o ar de uma maneira provocadora em extremo, desafiando-me. Era como montar um veado: saltava por cima de árvores caídas – e havia muitas ao longo do caminho – do modo mais decidido que se possa imaginar. Estivéssemos nós numa corrida e teríamos ganho em grande estilo. Fosse como fosse, teria ficado satisfeita se tivesse tido um pouco mais de tempo para observar em redor. Não sei se nos afastámos dos homens das espingardas, nem se eles perseguiram outra presa, mas chegámos à Batalha em segurança e sem encontrar qualquer obstáculo.

²⁷ A palavra utilizada, por lapso, no original é *goal*, em vez de *gaol*.

Formosa Batalha! Pode aquele que alguma vez passou sob teus altos arcos e vagueou por teus majestosos claustros recordar tal memória sem deleite? Maravilha-se aquele que entrou na tua magnífica capela e visitou os túmulos de reis e os altares de santos, mas tem de suspirar ao lembrar o rasto do profanador nos vestígios de ruína e destruição que atrás de si deixou!

Que agradáveis memórias guardo do mosteiro da Batalha: recordações de beleza, [p. 255], cortesia e hospitalidade. Visitei-o repetidamente até que fiz “caras conhecidas” no seio da sua comunidade. E escutei a vaidade justificada com que os santos padres se alongavam sobre as muitas maravilhas da sua abadia²⁸, até eu própria ter podido exercer as funções de *cicerone* na maior parte do edifício. Como me lembro bem da ansiedade arquejante com que, na primeira visita, fiquei à espera que me dissessem se seria admitida no interior – e quão amargamente me soube a resposta que me concedia a entrada apenas na capela²⁹! Porém, a fortuna protegeu-me porque o Prior estava, no momento em que cheguei, a apontar a alguns amigos meus o túmulo de D. João I, o fundador do edifício – um monumento próprio de um príncipe! Tudo era agora comparativamente fácil; após uma simpática saudação por parte dos meus conhecidos, o Prior saiu decididamente por uma porta, através da qual fui levada à sala onde o grupo tinha acabado de tomar o pequeno almoço³⁰. Eu e os meus amigos (a quem, sendo cavalheiros, não era feita qualquer objecção) [p. 256] fomos em breve seguidos pelo Prior que se sentou e presidiu à mesa do chá. Foi esta uma excitante cerimónia, pois, na sua ânsia de saudar o grupo com um pequeno almoço inglês perfeito, fomos condenados a chá fraco sem leite, em minúsculas chávenas de porcelana com o acompanhamento de bolos doces e biscoitos de açúcar³¹. Entretanto, o Prior parecia perfeitamente satisfeito com a excelência da oferta, pouco suspeitando de quão insatisfatória era para viajantes esfomeados. Era um homem fino, instruído, cortês e conversador. Até arriscou um gracejo ou ou-

²⁸ Leia-se mosteiro.

²⁹ Leia-se igreja.

³⁰ Uma vez que, mais adiante, Julia Pardoe diz ter-lhe sido permitida a visita à parte de baixo dos claustros e à sala do capítulo, é possível que a refeição tenha sido servida numa sala próxima desta última, a que se acedia pelo grande portal manuelino ainda hoje existente.

³¹ O inventário do Mosteiro da Batalha de 1823 e o de 1834 referem a existência, respectivamente, de 17 e 16 chávenas com seus pires, de louça inglesa ou fina, além de vários outros utensílios destinados ao serviço do chá. No primeiro caso, estavam ainda afectos ao uso dos hóspedes. O primeiro foi já referido na nota 11; o segundo guarda-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério das Finanças; Convento Nossa Senhora Vitória, cx. 2198.

tro sobre o facto de estar a servir uma senhora no próprio coração do seu mosteiro, mas não me deixaria ver mais do edifício do que a parte de baixo dos claustros e a sala do capítulo. Tão-pouco encontrei alguém da comunidade durante a minha estadia. Na sala do pequeno almoço, vimos o elmo e a espada usados por D. João na batalha de *Algiberota* [sic],³² cuja vitória a fundação da Batalha comemora. São imensamente grandes e pesados, mas não particularmente interessantes. [p. 257]

À nossa partida, o prior apertou as mãos aos cavaleiros e, logo, como receando que esperássemos que fizesse o mesmo ritual comigo, enfiou as mãos na túnica e fez uma vénia de despedida.

Todavia, como visitei a Batalha muitas vezes durante o tempo que residimos em Leiria, tive várias oportunidades de melhor me familiarizar com os espaços e a história da instituição. Vou concentrar as minhas reminiscências.

Este esplêndido mosteiro foi, conforme antes afirmei, fundado por D. João I, para comemorar a vitória sobre os Espanhóis³³ em *Algiberota* [sic], continuando a ser construído nos reinados sucessivos de Tiago³⁴, D. Afonso V e D. João II. A capela³⁵ é rica em monumentos funerários antigos – reis e príncipes, rainhas e cardeais, todos dormem o seu longo sono no recinto sagrado. O panteão de D. João I contém o seu próprio túmulo, bem como os de outros seis reis³⁶. No espaço exterior imediato ao gradeamento que encerra o lugar de eterno descanso da realeza, existe uma grande pedra lisa que cobre os despojos de um soldado raso que outrora [p. 258] salvou a vida a D. João, na batalha³⁷. Escolheu como recompensa uma sepultura que ficasse

³² Os elmos, as espadas e, respectivamente, o machete e a alabarda dos reis D. João I e D. João II guardaram-se como relíquias preciosas, durante muito tempo, num dos armários da Capela do Fundador, tendo-nos chegado memória visual dos mesmos através dos desenhos de James Murphy, de 1789, e de Domingos Sequeira, de cerca de 1808. Estes objectos encontram-se actualmente no Museu Militar de Lisboa. A sua localização noutra espaço do Mosteiro, durante a visita de Julia Pardoe, é uma novidade deste relato.

³³ Leia-se os Castelhanos.

³⁴ James no original, por lapso naturalmente com Edward, D. Duarte.

³⁵ Leia-se igreja.

³⁶ À data da visita de Julia Pardoe, apenas ali se encontravam os túmulos dos infantes D. Fernando, D. João, D. Henrique e D. Pedro.

³⁷ Martim Gonçalves de Macedo foi escudeiro e depois vassalo da casa de João I, conforme provaram Carlos Santos Mendes e Pedro Gomes Barbosa, "Martim Gonçalves de Macedo salvou D. João I na batalha de Aljubarrota", in *Armas e Troféus*, VI série, t. IV, nº 1-3, 1992. Saul António Gomes, "Martim Gonçalves de Macedo, um herói ignorado da Batalha Real", in *Leiria-Fátima. Órgão Oficial da Diocese*,

tão próxima quanto fosse permitido da do seu real senhor; o desejo foi respeitado à letra, pois o portão de ferro do panteão toca no bordo da sua tampa sepulcral. De qualquer das maneiras, pela sua bravura e dedicação, merecia uma sepultura na própria capela da Baltaha [sic].

No panteão interessou-me muito um altar portátil que sempre acompanhava D. João em batalha. Era singelo e quase rude, tanto no material como na execução, de desenho simples e desajeitado em extremo, mas, apesar de tudo isso, altamente impressionante pela composição e talvez até pela sua simplicidade. Ao vê-lo, imaginei os guerreiros descobertos em torno do seu rei, invocando, na véspera da luta, aquela poderosa ajuda que, apenas ela, lhes podia garantir a vitória pela qual estiveram a ponto de pôr a vida em risco. Neste altar havia figuras de dez dos apóstolos, de pé, talhadas em cortiça³⁸ e ricamente douradas. Ao levantar uma delas para a [p. 259] observar, lamentei e, de certa maneira, senti-me envergonhada ao descobrir que as duas que faltavam tinham sido levadas por alguns visitantes ingleses, cujas “coleções” eram mais imperiosas do que as suas consciências. Entendo facilmente o desejo de possuir tão interessante relíquia, considerando que as figuras têm entre quatrocentos e quinhentos anos, mas não posso embarcar no sentimento que assim responde à cortês hospitalidade do convento.

Não é minha intenção dar uma descrição detalhada do mosteiro da Batalha, ainda que cada pedra da vasta fábrica seja verdadeiramente digna de registo. Vou descrever os objectos que me atraíram em particular.

Sobre a entrada principal da capela³⁹, existe uma magnífica janela com vitrais, em que foram despendidos, assim fui informada, um trabalho e um tempo praticamente incalculáveis. Trata-se, sem dúvida, da obra mais elaborada deste género que alguma vez tive a felicidade de ver. À esquerda do altar-mor, há outra janela que me pareceu [p. 260] extremamente curiosa. Nela são representadas três figuras, uma vestida de seda, a outra com uma armadura e outra de sarja. Parece tratar-se de um teste às capacidades da arte e a verdade é que o efeito dos diferentes trajés e a grande dissemelhança de carácter dos drapeados é espantosa.

À entrada da capela⁴⁰, uma pedra lisa leva o nome de *Matthew Fernandez*, bem como os da sua mulher e filhos. Foi este o arquitecto da “capela octogonal”

nº 48, 2009, p. 209-219, apontou o relato de Julia Pardoe como testemunho da memória do salvamento do rei pelo seu escudeiro no seio da comunidade conventual da Batalha.

³⁸ Leia-se madeira.

³⁹ Leia-se igreja.

⁴⁰ Leia-se igreja.

inacabada que é a glória da Batalha⁴¹. Considerada como uma peça absolutamente consumada de arquitectura, o rei preferiu, após a morte do grande homem que a projectou, conformar-se à ideia de a mesma permanecer no estado de incompletude em que ficara a incorrer no risco de permitir que uma mão inferior a acabasse, desfigurando o traço inimitável de *Fernandez* através de um acabamento pouco judicioso.

Junto à sepultura deste famoso arquitecto, encontra-se *James Traversus*⁴², o favorito de D. João I e [p. 261] de D. Filipa, a única rainha inglesa de Portugal, por cuja memória parece haver grande respeito. Fiquei surpreendida ao descobrir que a tampa que cobre os despojos deste cortesão privilegiado é ornamentada com coroas de cardos.

Há um rasgão muito extenso na abóbada da capela⁴³ que foi causada pelo grande terramoto de Lisboa, não sendo decerto a menos interessante das relíquias que são apontadas ao visitante. A casa capitular, a que se acede pelo canto sudeste do claustro, é considerada uma grande curiosidade, ao ser tão extensa, ampla e [ao ter uma abóbada] suportada apenas pelas paredes exteriores, sem uma única coluna ou pilar. Existe uma tradição singular no convento: por duas vezes foi o edifício construído e, ao retirar os andaimes, por duas vezes os muros cederam, dando lugar a um monte de destroços. Porém, o arquitecto não se daria por vencido na sua magnífica empresa. Uma terceira vez foram as paredes erguidas e uma vez mais [p. 262] o tecto ricamente nervado as uniu, subindo em espiral ao centro⁴⁴. Todas as melhores energias do espírito que tinham concebido, e a perseverança que tinha, uma vez mais, produzido a obra, tinham-se esgotado completamente no empreendimento. E *Alphonse Domingues*, após ter inspecionado, com um misto de orgulho e terror, o altivo portento que erguera, jurou que se o seu talento falhasse uma terceira vez, ele não sobreviveria à desgraça, encontrando, ao invés, sepultura entre as ruínas. Em vão tentaram dissuadi-lo do que era universalmente considerado um acto de auto-imolação. Encaminhou-se calmamente para o centro da sala, dando as suas instruções com voz firme. Ponto por ponto, viu as vigas poderosas, que ficavam talvez entre ele e uma morte

⁴¹ Como é hoje sabido, o projecto do edifício cabe a Huguet, falecido em 1438.

⁴² A autora referia-se a Diogo Gonçalves Travaços, cavaleiro da casa do infante D. Pedro e regedor das suas terras (cf. Saul António Gomes, "O Mosteiro da Batalha e os seus túmulos e capelas particulares", in *A Capela dos Sousas no Mosteiro da Batalha*, Batalha, Município da Batalha, 2012, p. 19-22.

⁴³ Leia-se igreja.

⁴⁴ Trata-se, na verdade, de uma abóbada em forma de estrela com oito pontas.

dolorosa e horrível, serem retiradas pelos seus relutantes assistentes. A um dado momento, a última escora foi removida e muitos cobriram os olhos com as mãos para evitar o infeliz espectáculo, mas a precaução não foi necessária: o arquitecto permanecia ileso e seguro, o seu portentoso trabalho rodeava-o por todos os lados, vasto, [p. 263] magnífico e maravilhoso! Um monumento ao seu génio imortal!

Afirma-se que D. João ficou tão encantado com o ânimo e a ousadia heroica de *Domingues* que lhe mandou colocar no interior da sala algum elemento comemorativo do feito. Com uma modéstia igualada apenas pelo seu génio, o arquitecto obedeceu, vendo-se uma pequena figura, que não excede a medida de um pé⁴⁵, segurando uma parte do edifício, onde a abóbada toca a parede norte⁴⁶ – uma representação de *Alphonse Domingues*.

Este belo edifício contém três sarcófagos: dois à direita da entrada, encerrando os corpos de D. Afonso V e de D. Isabel, e um à esquerda que oculta os despojos do infeliz jovem príncipe, filho de D. João II, que morreu de uma queda do seu cavalo no dia do casamento, quando contava apenas vinte anos⁴⁷. O vitral, com trezentos e setenta anos⁴⁸, é verdadeiramente magnífico; a luz rica e variada, porém melancólica, que derrama sobre os túmulos é impressionante e adequada. [p. 264]

O mosteiro gaba-se de alguns manuscritos valiosos e volumes antigos que foram poupados ao poder destruidor dos Franceses, durante a Guerra Peninsular, de maneira muito singular. Acima do altar-mor existe um baldaquino branco e dourado cujo valor não foi suficiente para tentar a cupidez, nem a beleza bastante para provocar a violência dos profanadores no meio de tanto valor e magnificência, escapando, por consequência, à destruição. Escondidas no interior deste baldaquino, que é oco, e para ali lançadas como derradeira esperança pelo bibliotecário aterrado e perplexo, as partes mais significativas da outrora extensa livraria do mosteiro escaparam à ruína que as ameaçava. Pedi licença para ver estes volumes e – querem acreditar? – ainda se encontravam no interior do baldaquino. Passados dezassete anos permaneciam no seu esconderijo! Estavam *para ser retirados*... Precisarei de dizer mais sobre a procrastinação portuguesa?

⁴⁵ 30,48cm.

⁴⁶ Na verdade, no canto sudeste.

⁴⁷ O príncipe D. Afonso faleceu com 16 anos, tendo já então desposado D. Isabel de Aragão, filha mais velha dos Reis Católicos.

⁴⁸ Esta janela está datada de 1514.

Quanto à capela inacabada, projectada por *Matthew Fernandez*, não me aventurarei a falar; o facto [p. 265] de permanecer no estado em que, à morte, a deixou, por ordem do soberano que soube estimar a sua beleza transcendente, diz mais do que a mais elaborada descrição. Já muitas vezes me espantei, tanto quanto amargamente lamentei essa doença de dedos tão espalhada entre, e tão peculiar dos, Ingleses que os incita a desfigurar e estragar os monumentos mais preciosos com inscrições e gravações tão desprovidas de sentido quanto mal colocadas. Nunca senti tão fundamente o Vandalismo de semelhante loucura maliciosa senão quando me encontrei nesta área da capela, entre oito colunas esculpidas que, mesmo no seu estado inacabado, são maravilhas do mundo, e as vi rabiscadas e escrevinhadas em todas as direcções com nomes obscuros e frases sem sentido – e pior ainda – grosseiramente entalhadas pelas facas de viajantes ociosos e sem gosto. Não conseguiram encontrar melhor entretenimento neste lugar que não fosse profanar a memória do génio nos seus próprios altares! E descobri, com uma pena a que, de modo algum, era alheia a vergonha, que todos estes [p. 266] danos e loucuras eram o trabalho de ingleses!

Quem me dera poder falar de toda a comunidade da Batalha com a mesma admiração com o que o posso fazer do seu mosteiro. Os meus pensamentos alongam-se na recordação do Prior com prazer inalterado. Era um homem sábio e *bom*. Mas lembro também o Sub-prior, Frei Francisco, e o Sacristão, Frei Lourenço! Vou apenas deter-me sobre estes dois: os restantes irmãos eram aborrecidos, comedores e bebedores obtusos das coisas boas da vida, retalhistas da santa coscuvilhice, crentes em milagres – numa palavra, Monges⁴⁹. Porém, os dois que eu referi eram mais do que isto, embora lamente dizer que por supremacia do mal. De Frei Lourenço tenho uma história para contar – estranha mas *autêntica*. Abstive-me de a conformar a uma narrativa mais acabada – para oferecê-la, por assim dizer, como uma “Lenda” – não fosse suscitar dúvidas sobre a sua autenticidade, consciente como estou de que o leitor daria [p. 267] desconto às minhas próprias ampliações, bem como às pessoas de cujos lábios ouvi a história. Não peço, no entanto, semelhante indulgência para este esboço – não procurarei embelezar nem restringir a verdade.

Há cinquenta anos o rei de Portugal deu caça ao javali, um desporto que era muito de seu gosto, nas imediações da Batalha, acompanhado por uma

⁴⁹ Leia-se Frades.

grande comitiva de Nobres. Antes de regressar a Lisboa, honrou a comunidade passando um dia e uma noite no mosteiro, no intuito de recuperar da fadiga da expedição. Nesta altura, Frei Lourenço andava pelos vinte anos, tinha já professado e era, a julgar pela aparência, mesmo quando o vi, um belo frade sempre que colocava o capuz sobre a coroa rapada; alto e atlético, de porte digno e olho de águia. Independentemente disso, certo é que, quando o grupo real [p. 268] chegou ao mosteiro, há muito se encontrava ligado a uma bela camponesa da aldeia da Batalha que lhe devolvia o afecto. Ao observar a magnificência dos nobres, as suas vestes esplêndidas, a sua comitiva de libré, a dor do ciúme atravessou-lhe o coração, pois sentiu que, também *ela*, olhava maravilhada e provavelmente com admiração para estes cortesãos áureos. Pode facilmente imaginar-se a amargura com que, jovem, alegre e devotamente apegado como estava, o monge desviou a atenção das jóias, penachos e corcéis para a sua túnica de sarja, a sua cabeça rapada e as sandálias de couro cru! O acontecimento deixou-o de maus fígados.

Entre os *Fidalgos*, encontrava-se o estribeiro-mor, que me foi descrito como um homem impressionantemente belo, na flor da vida, de grandes famílias e grandes esperanças; despreocupado, excessivamente generoso e entusiasta da beleza. Cansado, após um momento, pela monotonia do mosteiro, este jovem nobre que me esforcei por retratar, pôs-se desgraçadamente a vaguear pela aldeia onde encontrou a [p. 269] bela camponesa. Achou-a adorável mas absteve-se de lho dizer. Infelizmente a *donzella*⁵⁰ de olhos negros não foi indiferente à admiração exprimida por tão cortesês lábios. A vaidade ensinou o coração a alvoroçar-se-lhe, mesmo que em vão, e ela sorriu quando devia tê-lo evitado. Enquanto escutava o nobre, Frei Lourenço ficara esquecido; o seu novo amor falava-lhe demorada e ternamente, sem ser ouvido, mas não sem ser visto. E quando, após um longo bocado, o esplêndido nobre levou a mão da formosa camponesa aos seus lábios, ela tinha prometido que este encontro não havia de ser o último. Desgraçados! Nunca mais se encontraram em dias da sua vida! O monge⁵¹ tinha visto tudo – ele conhecia o significado de cada relance dos olhos negros em cuja luz vivera durante tanto tempo; e observou-os até que o *Fidalgo* se envolveu na *capa*⁵² para voltar ao mosteiro. Não tinha perdido um só olhar ou gesto e manteve-se no seu esconderijo, rangendo os dentes [p. 270]. Apertando as mãos, jurou no

⁵⁰ Traduzido em nota por *maiden*.

⁵¹ Leia-se frade.

⁵² Traduzido em nota por *cloak*.

fundo do espírito que a sua hora de encontro de nada lhes havia de servir. Foi um voto silencioso e culpado, e terrivelmente foi mantido!

Quando o jovem monge⁵³ emergiu do seu esconderijo, tinha a cabeça em brasa. Não parou para reflectir nas consequências – não hesitou quanto ao desfecho – mas, atravessando a ruela da aldeia em passos largos, apressou-se em direcção à casa de um camponês de sua confiança. Não precisava de contar a sua história de amor culpado debaixo daquele humilde tecto, nem de fôlego para explicar ao ouvinte solitário a ascensão e o progresso da sua paixão fatal. Tinha apenas que mergulhar, de vez, na narração daquilo que designava por seus males, dando largas ao demónio que lhe trabalhava no íntimo, para emprestar palavras ao projecto medonho que de repente lhe assaltara o coração e pedir a colaboração do seu obsequioso ouvinte, para o que dispunha de escasso tempo. Após breves momentos, Frei Lourenço abandonou a [p. 271] casa e alguém lembraria mais tarde que estava calmo, perfeitamente calmo, e que tinha falado cortesmente a um dos aldeãos com quem se tinha cruzado no caminho.

Depois do banquete da noite, o jovem nobre voltou a deixar o mosteiro e entrou no estábulo que tinha sido tomado para os cavalos do rei. A porta fechou-se subitamente atrás dele e foi arremessado ao chão por um golpe de machado! O trabalho da morte estava em breve acabado mas não com rapidez suficiente para permitir que os homicidas se escapassem. Quando se estavam a preparar para sair da cena sanguinária, alguns dos moços de estrebaria entraram no estábulo e detiveram-nos instantaneamente. Será preciso dizer que os assassinos foram Frei Lourenço e o camponês, seu confidente?

O terrível acontecimento causou grande e geral consternação. O estatuto da vítima e a vocação de um dos seus homicidas aumentaram a sensação e o horror do público. Os culpados foram julgados e condenados. A irreflectida e malfadada rapariga, que fora a causa do [p. 272] bárbaro acto, foi posta num convento e o camponês condenado à morte. Porém, como os religiosos nunca são executados em Portugal, independentemente dos crimes que cometam, devido ao escândalo que tal causaria entre o laicado, Frei Lourenço foi entregue à sua Ordem para que fosse tratado como melhor entendessem. O Prior da Batalha, justamente indignado e exasperado com a desgraça que recaíra sobre a sua casa, convocou o Capítulo da Ordem⁵⁴, que condenou o

⁵³ Leia-se frade.

⁵⁴ Nas suas prerrogativas estava apenas a convocatória do capítulo da respectiva comunidade.

frade delinquente a prisão perpétua no calabouço que fica por baixo da capela⁵⁵. A sua sentença foi aplicada com rigor, pois o Prior estava tão profundamente magoado pelo estigma que o culpado tinha lançado sobre a comunidade que não suavizaria em nada a amargura daquele destino que lhe tinha cabido: a seu lado, puseram um pão e um jarro de pedra com água, aconselhando brevemente o infeliz culpado a fazer as pazes com os céus, já que com este mundo as tinha então feito para sempre: vista e fala de gente não conheceria mais. [p. 273] Foi-lhe passada sentença de excomunhão e deixaram-no perecer miseravelmente de fome na escuridão absoluta! O severo Prior deu, ele próprio, a volta à chave da terrível prisão e levou-a sabe Deus para onde. A partir desse dia o nome de Frei Lourenço nunca mais atravessou os seus lábios. Alguns dos religiosos mais novos, porém, se não menos conscientes, eram decididamente menos impiedosos e arranjam maneira de lhe fazer chegar comida em quantidades insignificantes através de uma frincha por baixo da porta de ferro do calabouço. Pouco tempo depois do seu encarceramento arranjam-lhe uma ferramenta com que fez uma abertura suficientemente grande para receber o que quer que entendessem fazer-lhe chegar. Assim viveu – se a semelhante existência se pode chamar vida – sem um raio de luz e preso a uma argola na parede da masmorra por um anel que lhe passava em torno do corpo e estava atado a uma corrente que mal chegava para o deixar beneficiar dos bons serviços dos demais cuja piedade prevalecia sobre o horror. E isto para cima [p. 274] de oito longos anos! Quão terrivelmente cara há-de ter sido a vida para o infeliz culpado que pôde apegar-se a tão miserável existência! Quão atroz terá sido o terror da morte para o pecador que pôde encontrar um tal refúgio! Contorcendo-se, sufocando na sua sepultura viva, separado da luz abençoada do sol, um estranho à sua espécie, o seu nome um lema de medo, o seu crime um conto para os tímidos – bem se pode duvidar que a obra que prolongou o seu ser fosse na verdade de misericórdia. Por quantos medos não terá a sua solidão sido visitada! Os amigos podiam cansar-se da tarefa – e o prisioneiro sabia bem demais que ela não era fácil para supersticiosos e crédulos, pois a cela era separada do ossário do mosteiro apenas por uma parede de sólida cantaria – mas, se tal acontecesse, ele teria arrastado uma existência apenas menos terrível do que sucumbir por aniquilação, do que perecer miseravelmente por fim! Mo-

⁵⁵ À semelhança de outros casos já anotados, deveria ler-se igreja, mas não são conhecidos subterrâneos na mesma, conforme se disse acima.

mentos terá havido também, com certeza, em que a escuridão se povoou das formas daqueles a quem fez mal; dela, cuja [p. 275] inocência sacrificara à sua paixão ímpia e dele, cujo sangue derramara para a satisfazer. E a juntar a estas memórias de enlouquecer tinha ainda de se debater com a amargura de um espírito livre, orgulhoso e intolerante ao controlo, enfiado entre quatro paredes de pedra, quase sem espaço para respirar. De que serviam o corpo forte e o olho de águia? Um estava agrilhado e ulcerava sob o anel de ferro e o outro percorria apenas a escuridão!

No ano de 1810⁵⁶, o exército francês trouxe a ruína parcial ao mosteiro, mas a Frei Lourenço trouxe a liberdade, pois fugiu com os irmãos. Uma vez que, durante a reclusão, o Prior da Batalha tinha sido eleito Geral da Ordem, sendo nomeado um sucessor, pouco caso se fez do seu reaparecimento naqueles tempos atribulados. Após a retirada dos Franceses, os monges⁵⁷ regressaram ao mosteiro e Frei Lourenço rendeu-se aos irmãos que, tendo em consideração o longo cativeiro já sofrido, nas correntes [p. 276] e na escuridão, lhe permitiram andar à vontade no mosteiro, estipulando, no entanto, que não servisse à missa, nem deixasse o edifício sem a companhia de outro membro da comunidade. Que o culpado se sujeitasse, uma vez mais, voluntariamente a estas restrições, pode parecer extraordinário mas o facto de ignorar até onde se estenderia a indulgência, no seu regresso, é-o, à primeira vista, ainda mais. Lembre-se que Frei Lourenço estava sob interdição da Igreja⁵⁸, que fora posto de parte por excomunhão e que a simples esperança de voltar a ser aceite no seio daquela igreja era, por si só, suficiente para o levar a arriscar tudo o mais – assim rezavam os monges⁵⁹ simplórios sobre o segredo do seu reaparecimento. Que as suas acções futuras declarassem a verdade ou a falácia do julgamento dos demais.

Pouco após este acordo, o antigo Prior da Batalha fez um périplo pelas Casas da Ordem, anunciando a chegada rápida ao [p. 277] seu velho mosteiro. Frei Lourenço voltou a ser emparedado, a toda a velocidade, na masmorra, as grilhetas foram de novo colocadas e, por seu particular desejo, o santo visitador foi informado da existência do criminoso e do seu desejo piedoso de obter o perdão e a benção do Pai espiritual antes que a sua miserável carreira terminasse. O santo Superior começou pela inteligência não procurada

⁵⁶ Em rigor, no início de 1811.

⁵⁷ Leia-se frades.

⁵⁸ Com inicial minúscula no original.

⁵⁹ Leia-se frades.

nem desejada, não poupando a admoestação, nem a castigo aqueles que da comunidade haviam contribuído para prolongar a existência do criminoso. Porém, quando ouviu que o penitente voltara contrito à sua cela e que agora esperava, humildemente e em lágrimas, beijar a orla das suas santíssimas vestes, abrandou e cedeu aos suplicantes dentre os irmãos, anunciando que derramaria um raio de luz sobre a escuridão da masmorra do pecador. Assim foi, assistido por dois irmãos conversos, e abordou o criminoso com palavras de perdão e paz. Confiando, porém, demasiado na protecção da sua própria santidade, diminuiu excessivamente [p. 278] o espaço que o separava do culpado: subitamente agarrado pela garganta por uma mão de ferro, foi lançado por terra! A sorte do soberbo Prior foi não ir sozinho, pois, de outra forma, não teria regressado com vida. Frei Lourenço agarrou-se a ele com toda a força e energia dos seus vinte e oito anos, e com toda a raiva de alguém que acreditava ter sido, ele próprio, magoado e oprimido. Foram necessários os esforços concertados dos dois assistentes para libertar o assustado e arquejante Superior das garras do desesperado criminoso.

Após esta aventura, os irmãos, em conjunto, receberam libertá-lo da prisão; temiam, de igual modo, arriscar a irritação do Geral, bem como a sua própria segurança pessoal. Permitiram-lhe, no entanto, ter acesso a toda a espécie de subterrâneos por baixo da capela⁶⁰, provisionaram-no de comida em abundância e, após alguns meses de irritação e desassossego, o Monge⁶¹ culpado procurou uma ocupação que lhe permitisse enganar as suas horas de tédio. Aprendeu a tricotar meias de malha com relevo [p. 279] e a fazer renda, artes em que, quando o conheci, era excelso. A Virgem que está no Altar-mor está em dívida para com o assassino encarcerado pelos seus calções e combinação! Este segundo cativo durou doze anos, terminando quase imperceptivelmente. Primeiro, o criminoso foi autorizado a subir à capela para ouvir missa, em consideração ao tempo dedicado ao serviço da Virgem e dos Santos! Depois, foi-lhe permitido ocupar assento abaixo dos frades conversos no refeitório, em dias santos e festivos, ao que se seguiu o trabalho de assistente na enfermaria, onde pôde pagar, pela presença assídua, os cuidados que, em tempos idos, haviam preservado a sua própria existência. Ao referir que era um homem de entendimento e talentos superiores, haverá menos motivo de surpresa para que, tendo já concedido tanto, os

⁶⁰ Ver nota 57.

⁶¹ Leia-se Frade.

irmãos o tenham acabado por receber como mais um entre todos, insistindo, porém, para não se passear fora do Mosteiro⁶². Assim estava ele, quando eu o conheci, excepto apenas por entretanto ter sido eleito Sacristão! Até [p. 280] que ponto o anterior modo de vida o qualificava para tal cargo, era um aspecto que a comunidade naturalmente melhor podia determinar.

O nosso grupo habitual de visita ao Mosteiro foi numa ocasião acrescido da presença de duas senhoras portuguesas que eram primas: uma delas casada com um Oficial britânico⁶³ e outra com um português. Após muitas consultas, foram aconselhadas a entrar no edifício sem autorização para depois se lançarem sob a indulgência do Prior. É claro que eram Católicas e foi curioso observar como se sentiam de diferentes maneiras ao fazerem a experiência. A Sr.^a ... ria e ameaçava assustá-los⁶⁴ com a vingança do marido inglês, caso se portassem pouco cortesmente para com ela, enquanto a sua amiga, ao contrário, tremia, empalidecia e perguntava repetidamente se não seria pecado mortal intrometerem-se assim num Mosteiro. Toda a sua coragem praticamente se evaporou mal se apeou do cavalo, tendo sido nós obrigadas a usar da maior persuasão para a levar a perseverar [p. 281]. Com o tempo, no entanto, prevalecemos e, na Sala do Capítulo, veio ao nosso encontro o 'santo' Sacristão, que parecia estar a gostar bastante da brincadeira, embora as avisasse repetidamente que não deixassem transpirar a notícia da sua visita em Leiria, o que prontamente prometeram e, aliás, já tinham previamente combinado. Após cinco minutos de conferência com Frei Lourenço, ele deixou-nos para ir informar o Prior da nossa presença. Nunca o vi com um ar tão sério, nem tão digno; falou brandamente mas estava evidentemente embaraçado e desagradado, ansioso por evitar ofender os amigos das senhoras e, porém, sem vontade de os deixar avançar. Permaneceram ambos em silêncio, deixando-me advogar a causa, mas acho que Frei Lourenço foi o melhor advogado, pois, após uma conferência de alguns cinco minutos entre eles sussurrada, o Prior convidou-as a acompanharem o Sacristão até à capela para se submeterem à cerimónia de excomunhão antes de serem recebidas no Mosteiro. Não tenho pretensões a explicar sobre que princípio foi feita esta proposta porque [p. 282] me parecia bastante curioso que estas senhoras pudessem ser consideradas hóspedes mais elegíveis para uma

⁶² O espaço monástico reservado, nomeadamente aos frades de clausura, incluía a cerca.

⁶³ Tratar-se-ia provavelmente de William Young, a quem já aludimos na nota 18.

⁶⁴ É esta a concordância no original mas o complemento refere-se obviamente ao Prior.

casa santa quando, de acordo com o seu credo, se encontrassem num estado de total e desesperada perdição do que quando apenas carregadas com as suas comparativamente insignificantes transgressões. Seja como for, o certo é que quando a resolução foi comunicada pelo Prior, pensei que Donna Reta⁶⁵ fosse desmaiar. E não ficou nada satisfeita quando Frei Lourenço a informou de que não tinha consequências, uma vez que, antes de abandonarem o Mosteiro, a excomunhão seria levantada.

“*Mãe de Deus!*”⁶⁶ exclamou a bela jovem portuguesa, “se eu morresse de repente!”

O Sacristão sorriu mas o Prior pareceu agradado com o seu alarme. Não sem alguma dificuldade apaziguaram-na, depois do que seguiu Frei Lourenço para a capela com a prima. Estava ansiosa por acompanhá-las mas o Prior, com intenção [p. 283] evidente, impediu-me de o fazer, aproveitando a oportunidade para inquirir acerca de alguns amigos seus em Leiria. Em menos de dez minutos, o grupo estava de volta; Donna Reta chorando com tristeza e a sua menos sensível ou menos supersticiosa prima fazendo os possíveis por consolá-la, enquanto o Sacristão, que tinha ele próprio excomungado estas duas jovens e inocentes mulheres, se detinha alguns passos atrás delas, com um sorriso escarninho estampado nos lábios. Sim, eu vi logo que, naquele momento, ele se ria de si próprio e da momice oca que acabara de representar.

Despendemos um dia delicioso. Frei Lourenço referiu, enquanto estávamos sentados à mesa, que o mosteiro possuía uma imagem milagrosa de madeira da Virgem com o Menino nos braços que, no tempo em que os franceses tinham posto fogo ao edifício, ficara rodeada de chamas por todos os lados, permanecendo, no entanto, incólume, sem que o fogo sobre ela tivesse deixado o menor sinal. Será necessário dizer que instantaneamente expressei o desejo de ver uma tão extraordinária representação de *Nossa Senhora*? [p. 284]

O Sub-prior ofereceu-se delicadamente para me mostrar, um gesto de cortesia que eu teria de bom grado dispensado, e os cavalheiros do grupo levantaram-se, ao mesmo tempo, dizendo que iam andando para mandarem os nossos cavalos para o portão⁶⁷ enquanto víamos a imagem milagrosa, o que fizeram acto contínuo. Não tentarei descrever a consternação com que

⁶⁵ Leia-se Rita.

⁶⁶ Traduzido em nota por *Mother of God*.

⁶⁷ A Porta do Carro que dava para o pátio das abegoarias, junto à portaria conventual.

ouvi o Prior recusar calma e decididamente que as duas senhora Católicas penetrassem tão longe no interior do mosteiro! Depois de mostrado o desejo de ver a *Nossa Senhora*, claro que não podia deixar de o fazer a seguir, e, para maior consternação ainda, Frei Lourenço declarou a sua intenção de nos acompanhar. Lá fomos nós, desde a Sacristia, onde tínhamos jantado, através da capela⁶⁸ e, tendo passado por uma porta que dava para a mesma, subimos um longo lanço de degraus de pedra e chegámos a uma segunda porta que se encontrava inesperadamente fechada⁶⁹. Frei Lourenço, que tinha feito a descoberta, pediu muito educadamente ao Sub-prior para ir buscar a chave [p. 285], o que ele fez imediatamente. A sensação que tive de me encontrar sozinha durante vários minutos junto deste homem que eu sabia ser um assassino foi longe de invejável! Quase que conseguia ouvir o meu coração a bater e foi com alegria que escutei os passos de Frei Francisco. A imagem à prova de fogo não pagou os meus terrores por a visitar: era debotada e malformada, com uma cabeça enorme e um nariz arrebitado; e o Menino não tinha “marca [de artista] nem realismo”. Estava apoiada num belo pedestal de mosaico, parecendo a figura ser de madeira pintada. Porém, uma vez que não me foi permitido tocar-lhe, poderia ser de pedra, o que parecia mais provável, visto que o próprio soalho da capela tinha ardido parcialmente e as paredes estavam cobertas de fumo e ruína.

Quando voltámos, perguntei ao Sacristão de que natureza era a cerimónia de excomunhão, ao que respondeu, rindo, que “não era digna de referência” e “muito divertida...”, mas que se eu tinha curiosidade em relação ao assunto, o melhor era [p. 286] acompanhar as senhoras à capela para ver como era retirada a interdição. Determinada a não retribuir toda a simpatia do Prior com qualquer intromissão desagradável, referi-lhe, no regresso à Sacristia, o meu desejo, mas garanti-lhe que se colocasse alguma objecção a que eu assistisse à cerimónia, eu desistiria logo de o fazer. Ele parecia agradado com a minha promessa e, tomando-me a seu lado, disse que não tinha qualquer intenção pessoal em decepcionar-me mas que achava que a cerimónia era indigna da sua santa religião – uma mera observância papal – e que ele teria

⁶⁸ Leia-se igreja.

⁶⁹ O local da refeição é inusitado mas o percurso corresponde efectivamente ao regresso à igreja para passar ao Claustro Real e, a seguir à sala do capítulo, atravessar um portal e subir uma escadaria que dava acesso à Capela das Horas. O portal, a escadaria e a capela desapareceram com as demolições da segunda metade do século XIX (cf. Pedro Redol e Nídia Vieira, “Dois claustros desconhecidos do Mosteiro da Batalha”, in *Cadernos de Estudos Leirienses*, nº 3, 2014, p 221-236).

preferido que eu tivesse visto a majestade da fé Católica, mais do que os seus abusos. Fiz um discurso tão elegante quanto pude, assegurando-lhe que tinha um respeito demasiado grande pela igreja Romana para ser abalado por uma simples cerimónia. Avançámos, então, para a capela onde se encontravam as senhoras ajoelhadas diante do altar do *Santo Sacramento*. Foi dada uma vela apagada a cada uma, o Sacristão repetiu com fluência um de sete Salmos [p. 287]) Penitenciais, depois duas ou três orações também em Latim e um menino que ajudava no altar apresentou sete raminhos cingidos com uma correia de cabedal, que, segundo me disseram, representavam as sete dores da paixão do nosso Salvador, e com que as senhoras foram tocadas três vezes por Frei Lourenço que imediatamente a seguir acendeu as velas que seguravam, dizendo-lhes que, tal como a chama se tinha subitamente inflamado em luz naqueles pavios também a rectidão tinha uma vez mais crescido nas suas almas. E assim, após, uma curta oração mental, levantaram-se, tão boas Católicas como sempre! De maneira a tornar a cerimónia mais impressionante, o devoto Padre beneficiou-me com um toque de acendalha antes de a recolocar no sítio, explicando-me depois que tinha visto todo o mistério da excomunhão, com a ligeira diferença de que, ao excomungar, as velas são colocadas nas mãos acesas e são apagadas com a cómoda garantia de que a luz da salvação deixou mesmo assim as almas daqueles que as seguram! Qualquer que fosse a minha opinião sobre aquilo a que acabara de assistir, estava, no entanto, satisfeita por ter visto tão extraordinária cerimónia. Conhecendo o que conhecia do Prior, não fiquei, porém, nada admirada por ele não ter aludido ao assunto quando a ele nos voltámos a juntar.

Algun tempo após a minha última visita ao mosteiro, fui ao convento de Santa Anna, no *Roscio*⁷⁰ [sic] de Leiria, perguntar por uma freira que estivera doente e soube por uma irmã conversa que veio falar comigo à grade que morrera naquela manhã. Quando, em passo lento, regressava a casa, ouvi chamarem o meu nome da porta da capela conventual. Voltei-me e, para grande surpresa, vi Frei Lourenço! Estava sem dúvida fora das dependências conventuais da Batalha *naquele* dia. [p. 289]

⁷⁰ Leia-se Rossio, traduzido em nota por *great square*.